

DRONES

Tenho visto, pelos jornais televisivos, trágicos lances dessa insensata guerra deflagrada pelos Estados Unidos e por Israel contra o Irã. Não ignoro, apresso-me em dizer, que são belicosas e extremamente preocupantes as intenções dos iranianos contra os judeus, tidos como inimigos que devem ser destruídos. Mas acho que tudo poderia ser resolvido pelas vias diplomáticas, sem tantas destruições e mortes. O que desejo realçar, porém, não é isso que tantas outras pessoas também dizem, e que chega a ser lugar comum nas muitas crônicas e reportagens sobre essa guerra. Observo, isto sim, uma redefinição das guerras modernas, através do uso de drones.

São eles, com efeito, de baixo custo, sem perda da força letal e ainda poupam a vida de pilotos humanos. Os ataques com drones oferecem maior precisão, sem falar em que podem executar devastadoras operações em “enxames”.

Quando se fala, então, em seus custos em comparação com o míssil tradicional, a diferença é gritante. A estimativa é de que, para um míssil tradicional abater um único drone, o custo é 175 vezes maior.

Muitas outras vantagens mais têm os drones sobre os equipamentos tradicionais, como por exemplo a rapidez na reposição. Contudo, será preciso vencer ainda a resistência dos fabricantes de equipamentos bélicos pesados, que lucram muito com as guerras.

Quando me lembro das batalhas que vi em filmes em minha mocidade, fico abismado e perguntou-me até onde iremos chegar. Os de minha idade com certeza também viram índios americanos, os famosos “peles vermelhas”, armados de tacapes e facas, querendo aniquilar e escarpelar os adversários. Ou guerreiros da Idade Média, “paramentados” com elmos e armaduras reluzentes, montados em ágeis cavalos e armados de lanças a fim de derrubar e matar os inimigos. Ou ainda soldados com deselegantes capacetes de aço, a fim de que balas de antigos fuzis não lhes atingissem a cabeça, abrigados e seguros em trincheiras protegidas com sacas de areia de tiros de canhão do adversário. Quando todas essas recordações me vêm à mente e comparo-as com o grande poder destruidor das armas modernas, que são empregadas a torto e a direito, sem um motivo relevante - haverá um motivo relevante para as guerras? - constato que há uma crescente e preocupante banalização da vida humana, Fico pensando de que vale, com efeito, a vida de um homem que tem família para prover, esposa para cuidar do lar e filhos para educar? Aos olhos dos senhores das guerras, parece que não vale nada.

Os drones constituem a criação moderna da tecnologia que oferece as mais amplas perspectivas de uso útil pela humanidade. Se antes seus voos eram curtos, hoje podem alcançar longas distâncias e serem controlados com

segurança por meio da inteligência artificial. Essa distorção consistente em utilizá-los, nas guerras, como verdadeiros kamikazes, faz-me lembrar de que nosso Santos Dumont também se decepcionou com a utilização de aviões como instrumentos de combate. O profundo desencanto de que foi tomado levou-o à morte.

Como sempre faço, entabulei conversa com Erasmo, curioso para saber sua opinião a respeito desse assunto. Ele não me decepcionou. Depois de alguns minutos de profundo silêncio, como se estivesse conectando com outras esferas, pontificou: “Meu amigo Viganó, a Terra é um planeta de expiação. Grande parte da população ainda acha que algumas de suas pendências devam ser resolvidas através de sangrentas guerras, que sempre geram destruição e mortes. Mas isso vai mudar e então inovações tecnológicas, como os drones, somente serão usadas em benefício das pessoas.”

Não me surpreendi com a explicação, uma vez que penso exatamente como ele. E vocês, caros leitores e estimadas leitoras, que acham desse fascinante tema?

Viganó

darly.vigano@gmail.com